

## ESTUDO ETNOGRÁFICO NO LAZER DO JIU-JITSU AO MEIO DIA: UMA CONFRARIA DE HOMENS E SUAS MASCULINIDADES

Mateus Silva Barcelos de Oliveira<sup>1</sup>

Mauro Myskiw<sup>2</sup>

Raquel da Silveira<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, RS, Brasil

**RESUMO:** Este artigo trata de uma investigação etnográfica no lazer de homens praticantes de jiu-jitsu no horário do meio dia. Com o objetivo de compreender esse espaço/tempo vivenciado por eles, identificamos o estabelecimento de uma 'confraria' que se sustentava a partir de ações cotidianas que se tornavam socializadoras em prol de uma dada masculinidade. Aqueles homens ao demarcarem a importância do trabalho e, com isso, reafirmarem suas posições de autoridade; assim como, ressaltarem uma suposta supremacia em relação às mulheres e aos homens que não sejam heterossexuais, faziam daquele espaço/tempo de lazer um meio de manutenção do 'mandato de masculinidade' que historicamente se sustenta em nossa sociedade. Em síntese, as contribuições que esse estudo oferece para a compreensão do lazer é que este espaço/tempo da vida das pessoas carrega a complexidade de elementos sociais do cotidiano em que elas estão inscritas, e que ao assumir a configuração de uma 'confraria' potencializa os vínculos e os acordos implicando de maneira significativa esse cotidiano.

**Palavras-chave:** Lazer. Masculinidades. Jiu-jitsu.

## ETHNOGRAPHIC STUDY ON LEISURE OF JIU-JITSU AT LUNCHTIME: A CONGREGATION OF MEN AND THEIR MASCULINITIES

**ABSTRACT:** This article addresses an ethnographic investigation on lunchtime leisure by male practitioners of jiu-jitsu. In the process of understanding that space/time experienced by those men, we found a 'congregation' sustained on daily actions that became socializing factors in favor of a specific type of masculinity. By demarcating the importance of work – and therefore reasserting their positions of authority and highlighting their supposed supremacy over women and non-heterosexual men – those men turned that leisure space/time into a means for keeping the 'masculinity mandate' that has been historically sustained in our society. In summary, this study provides the following contributions to understanding leisure within that space/time in people's lives: it bears the complexity of social elements of daily life in which those people are situated and, by becoming a 'congregation,' it enhances bonds and agreements, significantly influencing that daily life.

---

<sup>1</sup> Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mateusgermania@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF). E-mail: mmyskiw@hotmail.com

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenadora do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF). E-mail: raqufrgs@gmail.com

**Keywords:** Leisure. Masculinities. Jiu-jitsu.

## **ESTUDIO ETNOGRÁFICO EN EL OCIO DEL JIU-JITSU AL MEDIODÍA: UNA HERMANDAD DE HOMBRES Y SUS MASCULINIDADES**

**RESUMEN:** Este artículo trata de una investigación etnográfica en el ocio de hombres que practican jiu-jitsu al mediodía. Para comprender este espacio/tiempo vivido por ellos, identificamos el establecimiento de una "hermandad" que se sustentaba en acciones cotidianas que se volvían socializadoras a favor de una determinada masculinidad. Esos hombres, en el momento que demarcaban la importancia del trabajo y, con ello, reafirmaban sus posiciones de autoridad; así como, resaltaban una supuesta supremacía en relación a mujeres y hombres que no son heterosexuales, hicieron de ese espacio/tiempo de ocio un medio para mantener el 'mandato de masculinidad' que históricamente se ha sostenido en nuestra sociedad. En resumen, los aportes que ofrece este estudio para la comprensión del ocio es que este espacio/tiempo de la vida de las personas conlleva la complejidad de elementos sociales de la vida cotidiana en la que están inscritos, y que al asumir la configuración de una 'hermandad', potencia los lazos y los acuerdos que implican significativamente este cotidiano.

**Palabras-clave:** Ocio. Masculinidades. Jiu-jitsu.

### **Introdução**

Essa investigação se localiza no rol dos estudos realizados 'no lazer' e se soma aquelas que

retrata[m] um esforço investigativo 'de perto' e 'de dentro' de grupos sociais em 'situações de lazer', com o objetivo de interpretar os sentidos das práticas, dos tempos, dos espaços e dos equipamentos levando em conta o universo de significados em que eles são gestados e experimentados (STIGGER; MYSKIW, 2015, p. 169).

É a partir de um investimento em dialogar com a empiria que essa investigação se inicia e se desenvolve. A intenção é a partir do que acontece nesse 'espaço/tempo' da vida das pessoas colaborar com a compreensão do que está sendo e do que pode ser o lazer na nossa sociedade contemporânea.

O universo empírico em pauta é a prática do jiu-jitsu realizado no horário do meio dia. Muitos centros de treinamentos (CT) de modalidades de práticas corporais ofertam aulas no horário do meio dia com a intenção de possibilitar que as pessoas ocupem esse tempo 'entre' a jornada de trabalho. Essas práticas passam a compor o lazer de muitas pessoas, assumindo significados diversos, podendo envolver fruição, relaxamento, exercício físico, performance, produção de tensões agradáveis, redes de sociabilidade, etc. Dentre essas modalidades estão as práticas de lutas, as quais são procuradas e vivenciadas por pessoas com diferentes objetivos. O estudo de Mariante Neto (2010) aborda as distintas apropriações que são feitas em relação ao boxe, mostrando as

diferenças entre aquele praticado na “academia de boxe” para o “boxe de academia”. Nesse estudo, Mariante Neto descreve como o boxe é vivenciado na esfera do lazer de alguns/as praticantes.

Considerando esse contexto em que o tempo do meio dia passa a ser preenchido por práticas de lazer na vida de pessoas, e das modalidades de lutas tornarem-se atividades significativas dessa esfera, desenvolvemos esta pesquisa com o objetivo de compreender o lazer vivenciado por um grupo de estudantes e trabalhadores que praticam Jiu-Jitsu ao meio-dia em uma academia no centro da cidade de Porto Alegre. Entendendo que o lazer não é uma “dimensão da vida entre parênteses” (STIGGER, 2009, p. 73) buscamos, a partir da etnografia, identificar que elementos eram significativos na ‘turma do meio dia’ para fazer daquele espaço/tempo algo importante na vida deles. Nosso foco, no desdobramento da pesquisa, foi direcionado para as questões de gênero, mais especificamente, para as masculinidades que no cotidiano daquele coletivo eram constantemente requisitadas, socializadas, legitimadas, demarcadas e exaltadas. Nesse sentido, passamos a compreender que a ‘turma do meio dia’ se constituía uma ‘confraria’ em que, para além do jiu-jitsu, se aprendia e se vivenciava uma determinada forma de ser homem a qual pactuava com o ‘mandato de masculinidade’ (SEGATO, 2018) que historicamente vem se sustentando em nossa sociedade. A seguir apresentamos os caminhos metodológicos que fomos construindo ao longo da pesquisa e após apresentamos as análises elaboradas na direção de compreensão do que era vivenciado naquele espaço/tempo de lazer.

### **Caminhos metodológicos: o processo etnográfico em um centro de treinamento de jiu-jitsu**

A etnografia tem auxiliado o campo de estudos do lazer a compreender as relações em diversos grupos sociais. A obra “Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade” de José Guilherme Cantor Magnani (2003), tendo a data de sua primeira publicação em 1984, foi a pioneira em investigar o lazer de maneira etnográfica. O autor, com esse estudo na periferia de São Paulo, cunha a noção de ‘pedaco’ a qual contribui para a compreensão do cotidiano das práticas de lazer. Marco Paulo Stigger, já em 2002, publica o livro “Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico”, fruto de uma investigação junto a três grupos que na cidade do Porto, em Portugal, realizavam práticas esportivas na esfera do lazer. O estudo de Stigger foi um dos primeiros a problematizar, a partir da etnografia, o esporte vivenciado no “âmbito do lazer das pessoas comuns” (p. 3).

Em relação às práticas corporais de lutas, a investigação de Loïc Wacquant, intitulada ‘Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe’ (2002) consiste em uma etnografia que conforme palavras do autor foi desenvolvida “a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento” (p. 12). Essa obra traz contribuições importantes sobre o cotidiano de uma academia de boxe e sobre o

processo de se tornar um lutador. Outros estudos etnográficos 'nas/das' lutas foram realizados por Mariante Neto (2010) e por Gonçalves e Silveira (2012). O primeiro "Da academia de boxe ao boxe da academia: um estudo etnográfico" traz elementos para a compreensão dos interesses que praticantes de uma modalidade de luta possuem em relação à prática. Mariante Neto, que já era membro do grupo investigado, coloca em debate os diferentes objetivos dos praticantes do boxe que visavam tornar-se competidores e daqueles que inseriram a luta em seus tempos/atividades de lazers. Já no segundo estudo, Gonçalves e Silveira abordam a diversidade de significados das lutas, em especial, problematizando a noção de artes marciais e esporte, a partir do cotidiano de praticantes de judô e do processo de esportivização que essas práticas corporais estão atravessando.

Considerando essas produções, desenvolvemos o presente estudo a partir da etnografia. O primeiro autor deste trabalho é praticante de jiu-jitsu e já integrava a 'turma do meio dia' antes de iniciarmos a pesquisa (fazia quatro anos que ele praticava jiu-jitsu naquela turma). Assim, ele foi o responsável por realizar a observação participante, sendo que enquanto pesquisador, sua participação aconteceu de abril até agosto de 2018, totalizando 41 idas a campo. Durante esse período ele observou a rotina do grupo, no horário do meio-dia, entre o expediente de trabalho da maioria dos praticantes, na cidade de Porto Alegre, Brasil. Além disso, acompanhou os praticantes em eventos sociais que aconteceram fora do centro de treinamento (CT) e as conversas não presenciais que aconteciam via redes sociais. Após cada observação ele elaborava um diário de campo, que tinha a característica de ser dividido em três colunas, uma descrevendo os fatos que haviam acontecido, uma segunda com as suas interpretações enquanto observador dos fatos ocorridos e uma última coluna de base teórica onde apontava conceitos presentes na literatura que auxiliavam a refletir sobre os acontecimentos<sup>4</sup>. Na maioria das oportunidades o pesquisador estava presente treinando junto com os colegas e neste caso, fazia anotações em um caderno de campo logo após o término do treino, para após elaborar os diários; em outras ocasiões o pesquisador ficou observando o treino e fazendo anotações em seu caderno de campo.

Além das observações descritas, foram utilizadas fotografias, conversas de Whatsapp e entrevistas semi-estruturadas realizadas com sete participantes do grupo após o final das observações. Os critérios para a escolha dos entrevistados foram o protagonismo dos sujeitos nas situações observadas e a importância que eles tinham frente ao grupo. O roteiro da entrevista foi elaborado a partir de questões que envolviam os temas: lazer, jiu-jitsu, as relações e fatos que havíamos observados na 'turma do meio dia'. As entrevistas tiveram a duração de cerca de uma hora com cada entrevistado e foram realizadas em data e local acordados. A observação e as entrevistas contaram com a autorização dos envolvidos.

---

<sup>4</sup> A divisão do diário de campo nessas três colunas foi inspirada nas três funções do diário descritas por Winkin (1998): função empírica, catártica e reflexiva.

A elaboração dos dados deste estudo totalizou, portanto, mais de quarenta observações, que resultaram em mais de 100 páginas de diários de campo; sete entrevistas gravadas e após transcritas, somando mais de 70 páginas; e um volume considerável de registros de conversas no grupo do Whatsapp e fotográficos. A análise desse conjunto de informações aconteceu a partir da elaboração de categorias que foram sendo construídas em diálogos com a bibliografia. Dentre essas categorias, as que mais auxiliaram a compreender o lazer que era vivenciado naquele universo foram: trabalho, gênero, sexualidade, confiança e cumplicidade. Considerando essas categorias, foi possível identificar que aquele espaço/tempo de lazer constituído pela prática do jiu-jitsu ganhava contornos do que passamos a denominar de ‘confraria’, e foi a partir dessa construção analítica que passamos a descrever a ‘turma do meio dia’ densamente, conforme indica Geertz (1989) como tarefa/função de uma etnografia.

### **A prática de jiu-jitsu ao meio dia: uma turma de homens heterogênea**

A ‘turma do meio-dia’ era uma turma exclusivamente composta por homens e que socialmente os identificamos como heterogêneos<sup>5</sup>. Havia trabalhadores como porteiros, seguranças, pessoas com pouco grau de instrução, assalariados, mas também sujeitos com condições sociais elevadas, tais como: empresários, dentistas e advogados. Ao longo das observações contabilizamos a presença de 18 homens, incluindo o mestre principal e o professor faixa preta auxiliar, sendo a presença média em um dia de treino de 8 alunos no tatame. Os treinos da ‘turma do meio dia’ aconteciam com uma frequência de cinco vezes por semana, ocorrendo de segunda a sexta-feira.

A maioria dos praticantes era composta de alunos iniciantes, grande parte faixa branca, a primeira graduação do Jiu-Jitsu. Havia nessa turma os mais diversos objetivos com a prática da luta. Alguns queriam aprender um sistema de defesa pessoal, outros queriam emagrecer e visavam ‘saúde’ através de uma atividade física sistematizada, e outros queriam ser competidores e atletas de Jiu-jitsu. Essa diversidade social e de objetivos com a prática é semelhante dos dados apresentados por Mariante Neto (2010) quando investigou a prática do boxe. Segundo ele, os informantes de sua investigação, “apesar de praticarem o mesmo esporte, esse espaço [da academia] constitui-se por indivíduos de características heterogêneas, que vão desde as diferentes profissões a que se dedicam até as peculiaridades da forma como desenvolvem a atividade esportiva” (p. 15).

Dentre todos os sujeitos observados, descreveremos brevemente alguns por terem sido mais frequentes nas observações e/ou por protagonizarem situações que ao longo do tempo foram se tornando importantes para compreendermos aquele universo.

---

<sup>5</sup> No período de observações identificamos a presença apenas de uma única mulher de modo frequente. Ela era a esposa do mestre Lopez, a qual vamos referenciar como “Tia”, modo que muitos alunos lhe chamavam.

Citamos por exemplo, o caso dos participantes Rômulo<sup>6</sup> e Remo, irmãos dentistas, profissionalmente bem sucedidos e com boa condição social econômica. Ambos homens casados, heterossexuais, na faixa dos 40 anos de idade e que frequentavam o espaço por ser perto da clínica a qual eram sócios no centro da cidade. Eles tinham interesses distintos quanto à prática, enquanto Rômulo queria ser competidor de Jiu-Jitsu master, Remo queria apenas emagrecer com a prática.

De maneira diferente, Tobias e Silva eram dois 'garotos' bolsistas de um 'projeto social' que o CT mantinha e por isso não pagavam mensalidade. O projeto era destinado para crianças e jovens de até 16 anos de idade. Oficialmente as aulas eram aos sábados no turno da tarde, porém para alguns alunos que demonstravam interesse em participar dos treinos nos demais horários era também permitido. O responsável pelos treinos de sábado do projeto normalmente era o mestre Lopez e quando ele não podia comparecer um aluno mais graduado assumia a responsabilidade de ministrar os treinamentos. Não havia cobrança de mensalidade para os alunos do projeto social, era verificado apenas a matrícula e frequência na escola.

Outro caso interessante nas observações é a trajetória do faixa azul Julião, faixa azul é a segunda faixa na ordem das graduações para adultos, logo após a faixa branca. Julião, mesmo não estando vinculado ao projeto social do CT por ser adulto, também não possuía condições de pagar mensalidades, pois estava desempregado. Ele caminhava cerca de 10 quilômetros todos os dias para ir treinar, pois não tinha como arcar com o custo do transporte público. Com essas precárias condições, Julião acordou com o mestre Lopez que ao final dos treinamentos ficaria limpando o tatame e os banheiros do CT em troca da mensalidade.

As diferenças em relação à condição social eram bastante evidentes no grupo e elas não pareciam causar nenhuma tensão no coletivo. Por outro lado, diferenças na esfera da sexualidade provocaram momentos bastante conflituosos, implicando na saída de um dos alunos da turma. Athos, faixa roxa, a terceira graduação no Jiu-Jitsu, logo após a faixa azul, ao longo das observações se identificou como não sendo heterossexual, o que provocou ações preconceituosas pelos demais integrantes. Apesar da sua longa estada junto à 'turma do meio-dia', o fato de não compartilhar com a sexualidade heterossexual fez com que deixasse de integrar aquele coletivo.

Para além dos alunos da turma, durante as observações ficou evidente a centralidade que o professor assumia nas ações que lá aconteciam. Mestre Lopez, conforme era frequentemente chamado, se considerava o legítimo mestre à 'moda antiga', ou seja, identificado no universo do Jiu-jitsu como pertencente e seguindo os preceitos da 'velha escola' de mestres do Jiu-Jitsu. Ele próprio gostava de se definir assim durante muitos dos treinos observados. Essas expressões 'moda antiga' e 'velha escola' estão atreladas principalmente ao processo de formação vivenciado pelo mestre Lopez. Ele aprendeu Jiu-Jitsu na década dos anos 90 do século passado, já dava aula de Jiu-Jitsu

---

<sup>6</sup> Por questões éticas, todos os nomes utilizados no decorrer do texto são fictícios.

desde a faixa azul, segunda graduação no Jiu-Jitsu, pois naquela época dos anos 1990 não havia professores faixa preta em grande número no estado do Rio Grande do Sul e era comum, faixas roxas e até mesmo faixas azuis ministrarem treinamentos para iniciantes, algo inconcebível para os dias atuais.

O mestre Lopez foi formado faixa preta de Jiu-Jitsu em uma época que essa modalidade apresentava algumas características e significados diferentes do atual. Conforme relatos do mestre Lopez ao longo das observações, naquela época haviam brigas de rua, desafios entre modalidades de diferentes artes marciais em que o sujeito deveria estar pronto para brigar a qualquer momento para defender sua arte marcial. O próprio Jiu-Jitsu através da família Gracie se utilizou dessa estratégia de marketing por muito tempo para atrair discípulos/clientes. O estudo de Lise, Santos e Capraro (2014) chama a atenção para uma crônica esportiva de 1955 de Nelson Rodrigues tratando de um 'desafio' entre praticantes de Jiu-Jitsu. Desde aquela época já se reforçava "um discurso de tradição da família Gracie enquanto criadores e disseminadores do jiu-jitsu no Brasil" (p. 1347).

Nos anos de 1990 ser mestre de algumas artes marciais que não compartilhavam intensamente de um processo de esportivização<sup>7</sup>, significava ser uma figura quase que inquestionável sob o ponto de vista de autoridade marcial. Os alunos tinham receio de questionar os mestres, era uma espécie de relação mestre-discípulo. Com o passar do tempo, é possível afirmarmos que esse sentido atribuído ao 'ser mestre' de artes marciais foi se modificando. A apropriação das lutas pelo universo esportivo e pelas esferas educacionais corroboraram para o estabelecimento de relações mais próximas das esperadas entre professor-aluno ao invés de uma relação de mestre-discípulo, ou ainda baseada em preceitos de prestação de serviços como é possível identificarmos nos dias atuais.

Quando mestre Lopez se identifica com as expressões 'moda antiga' e 'velha escola' nos ficou evidente que diz respeito a essas mudanças, ou seja, refere-se à sua forma de se relacionar com seus alunos a partir de uma autoridade marcial construída no seu processo de formação no Jiu-jitsu em 1990. Em algumas situações as relações estabelecidas pelo mestre Lopez e seus alunos expressavam essas diferentes expectativas, por exemplo as diversas vezes em que o mestre Lopez se autorizava a chegar no CT atrasado ou não comparecer, sem minimamente expressar alguma explicação. Em 40% das observações que realizamos o mestre Lopez chegou atrasado aos treinamentos, em 10% não veio ao treino e solicitou o mais graduado assumir a turma, muitas vezes o mais graduado era apenas um faixa azul presente.

No dia 05/04/2018 o mestre Lopez chegou 12h25min, além de causar um

---

<sup>7</sup> Para Gonçalves e Silveira (2012) "as lutas estão passando por um processo de mudanças, para continuar tendo sentido na sociedade moderna. É a partir de um processo de esportivização que essa mudança vem ocorrendo, sem, contudo, romper com uma noção ritualística que a caracteriza enquanto oriental" (p. 144). Esses autores investigaram um grupo de praticantes de judô, e identificaram "que o judô praticado pelo grupo se encontra em um constante período de transformação de significados, que estabelecem vínculos às orientações culturais orientais e à racionalização da prática em função de um processo de esportivização" (p. 129).

evidente mal-estar nos envolvidos, esse atraso de 25min com frequência impossibilitava muitos dos praticantes que necessitavam sair pontualmente 13h00min, 13h15min no máximo, para retornarem para os seus compromissos de trabalho. Era um desconforto notável para o grupo quando o mestre chegava atrasado e apesar do atraso insistia em refazer o aquecimento, passar posições de golpes, enfim, reiniciar desde o começo a aula que já estava em andamento. No dia citado, às 12h25min os alunos já haviam aquecido, apesar disso o mestre insistiu em recomençar a prática de onde ele achava que deveria iniciar, sem se importar com os compromissos posteriores dos envolvidos e com o conseqüente atraso da aula. Ficou visível nesse dia o descontentamento dos alunos e a demarcação do mestre Lopez em seguir à 'moda antiga'. Esse descontentamento se justificava pois essas situações de atrasos afetavam claramente na qualidade do treino, pois grande parte do grupo não podia ficar até o final da aula devido aos compromissos com seus respectivos trabalhos. Era nessa última parte da aula, considerada principal do treinamento, que normalmente ocorriam os treinos de luta, colega versus colega, os chamados 'rolas' no Jiu-jitsu.

Em meio a essa diversidade social dos alunos e das tensões entre alunos e mestre, foi possível perceber ao longo das observações, que aquele tempo/espaço de prática do jiu-jitsu se caracterizava enquanto um momento de pausa na rotina de trabalho e/ou estudos, assim como construção de vínculos de amizade, parcerias, confiança e ajuda. A 'turma do meio dia' estabelecia entre si uma espécie de confraria, em que aquele tempo/espaço de lazer instituído pelo jiu-jitsu instituía também a construção e fortalecimento de acordos em prol de uma dada masculinidade para aqueles que lá permaneciam. A seguir passamos a apresentar elementos que sustentam essas análises.

### **A confraria de homens praticantes de jiu-jitsu ao meio-dia: lazer e masculinidades**

Partindo do entendimento de que o lazer não é uma 'dimensão da vida entre parênteses', conforme nos ensinou Stigger (2009), os significados atribuídos ao Jiu-Jitsu praticado ao meio-dia pelo grupo de homens por nós investigados estão relacionados com temas caros de seus cotidianos. Ao mesmo tempo que todos compartilhavam o gosto pela prática da luta, compartilhavam também outros elementos que ao longo das observações nos foram ficando mais perceptíveis. As relações com trabalho, os modos de ser e de se reafirmar homens, os esforços para uma construção constante da heterossexualidade e os vínculos de ajuda e irmandade foram elementos centrais para compreendermos os significados que o espaço/tempo da 'turma do meio-dia' possuíam na vida daqueles homens. Considerando a complexidade desses elementos e dos entrelaçamentos que estabeleciam passamos a construir uma categoria analítica que denominamos de 'confraria', a qual nos possibilitou aprofundar a compreensão daquele espaço/tempo de lazer.

A noção de confraria, portanto, é uma construção analítica elaborada por nós a partir dos dados empíricos e dos diálogos com as referências teóricas que estabelecemos. Dois aspectos foram centrais para chegarmos até essa noção: primeiro o compartilhamento de momentos de fruição intensa a partir da prática do jiu-jítsu por aqueles homens, em que era possível identificar a busca por uma ‘tensão-excitação agradável’ (ELIAS, 1992) negociada na prática das técnicas, performances e táticas realizadas nos treinos; e segundo pelos laços de confiança, de preocupação, de cuidado e de repulsa que existiam entre eles para a manutenção do “mandato de masculinidade” (SEGATO, 2018, p. 213)<sup>8</sup> que lá era compartilhado. Neste texto, iremos nos dedicar a aprofundar esse segundo aspecto que sustenta a noção de confraria, uma vez que nele as questões de gênero, em especial, de masculinidades são centrais para compreender o lazer.

Segato (2018) ao redigir o “Manifesto em quatro temas” aborda a proeminência das relações de poder do sistema patriarcal que historicamente vem sendo constituída. O argumento elaborado pela autora é que para esse sistema se manter, se estabeleceu um ‘mandato de masculinidade’ que exige “provas constantes de pertencimento à classe dos homens” (p. 213). Esse mandato coloca em evidência elementos de uma masculinidade que se cunha em uma matriz binária da modernidade na qual há uma referência dita ‘universal’ e os ‘outros’. Nas palavras de Segato

o negro e o índio serão o ‘outro do branco’, a mulher será ‘a outra do homem’, as práticas sexuais consideradas não normativas serão ‘a outra da heteronormatividade’, e as espécies não humanas passarão a definir-se precisamente pela sua ‘falta de humanidade’ (2018, p. 215).

Essa referência de masculinidade, construída e mantida como pilar das relações de poderes tanto da esfera pública como privada da vida, é constituída por princípios homofóbicos, transfóbicos e misóginos em que a manutenção de uma hierarquia frente aos outros requer e se materializa mediante violência de gênero e de raça. Considerando essa referência, a noção de ‘mandato de masculinidade’ é abordada pela autora para expressar uma ambiguidade em que ao mesmo tempo que se refere a “a uma obrigação da parte dos homens, no sentido de uma ‘regra’ que pesa sobre eles” se refere também “a uma atribuição de investidura como autoridade, isto é, uma entronização na posição de autoridade” (p. 224).

O ‘mandato de masculinidade’, portanto, está diretamente vinculado à construção da identidade de gênero e sexual hegemônica, a qual, necessita de diversos meios, artefatos e processos pedagógicos para sustentar esta posição (LOURO, 1997). Um tempo/espço intenso desse processo é, por exemplo, a infância em que “meninos e meninas aprendem a ser de determinados modos” (WENETZ; MACEDO, 2019, p. 2) a partir de vestimentas, brincadeiras e práticas corporais que lhe são ofertadas. Caso haja

<sup>8</sup> O texto de Rita Laura Segato (2018) é redigido no idioma espanhol. Para facilitar a leitura optamos por traduzir para o idioma português as partes que citamos literalmente.

um desencaixe nessas vivências, conforme o caso investigado por Wenez e Macedo (2019) de um menino que é praticante de balé e hip-hop, é necessário estabelecer “linhas de fugas possíveis na norma heteronormativa” (p. 1), uma vez que coloca em tensão a ‘referência’. O estádio de futebol é outro espaço/tempo onde fica evidente “um currículo de masculinidade” (BANDEIRA, 2017, p. 34) em que “as representações de masculinidades presentes nos estádios tendem a ser heteronormativas, machistas e heterossexistas” (p. 37). Bandeira (2017), ao investigar o processo de mudança de estádio da equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, coloca em discussão se a modernização dos espaços de torcer protagonizados pela FIFA e federações nacionais interpelam as “práticas historicamente autorizadas nos estádios de futebol” (p. 10), como por exemplo, os cânticos das torcidas que possuem letras racistas, homofóbicas e machistas. Entretanto, o autor identificou em seu estudo etnográfico que

o uso frequente e, quase sempre, associado ao xingamento e às lógicas heteronormativas, pareciam impossibilitar que tal inversão de significado fosse realizado. Nos estádios de futebol, ‘putos’ são sempre os outros: torcida adversária, jogadores adversários, árbitros e os nossos jogadores quando não cumprem com o esperado (BANDEIRA, 2017, p. 37).

Em diálogos com esses exemplos é possível identificar que a manutenção do ‘mandato de masculinidade’ anunciado por Segato (2018) acontece em inúmeras esferas da vida e o seu pacto se prolifera em ações do cotidiano que muitas vezes, por estar engendrado em nossa cultura, passa despercebido. Ao mesmo tempo, tanto o estudo de Wenez e Macedo (2019) quanto de Bandeira (2017) nos mostram que esse pacto é também cotidianamente desobedecido e o ‘mandato da masculinidade’ passa a ser tensionado, revisado e algumas vezes negociado.

Considerando esses aspectos e o universo que estávamos investigando, percebemos que as formas com que aquele coletivo de homens proliferava, tencionava, revisava e/ou negociava a manutenção do ‘mandato de masculinidade’ fortalecia os vínculos entre eles. Essas ações, presentes cotidianamente, mantinham a ‘confraria’ estabelecida naquele espaço/tempo de lazer, na qual a trama de relações envolvia uma pertença colaborativa da masculinidade lá vivenciada. Assim, a ‘turma do meio-dia’ ao mesmo tempo que praticavam jiu-jitsu praticavam também uma pedagogia da masculinidade em que alguns elementos ganhavam centralidade. Dentre os domínios da vida pública e privada que o ‘mandato da masculinidade’ opera, no lazer dos homens por nós investigados ficou evidente que a esfera do trabalho e da sexualidade compareciam intensamente como elo daquela ‘confraria’.

### **Mantendo o ‘mandato de masculinidade’: a interdependência hierárquica entre trabalho e lazer**

Os homens que participam da ‘turma do meio dia’ do jiu-jitsu escolheram esse

horário para a sua prática devido ser um tempo possível frente aquele ocupado pelos compromissos do trabalho ou dos estudos. Essa prática de lazer na vida deles está entre os tempos que dedicam para suas ocupações funcionais. Ao longo das observações, apesar de estarmos direcionando nosso olhar para o lazer daqueles homens, inúmeras vezes as responsabilidades do trabalho e/ou dos estudos ganhavam protagonismo.

Uma das situações frequentes que o tema do trabalho era referenciado pelos participantes da turma acontecia quando a aula de jiu-jitsu iniciava atrasada. Conforme descrevemos em tópico anterior, o mestre Lopez não cumpria o horário combinado para iniciar o treino o que provocava tensão entre os alunos, em especial devido intervir em seus tempos e responsabilidades de trabalho. Foram muitas as falas que escutamos em campo expressando esse descontentamento. Juarez, por exemplo, no nosso primeiro dia de observação, ao dialogar com seu colega de treino falou “Tá foda, o homem [mestre Lopez] sempre chega atrasado, a gente nunca sabe se ele vai chegar” (Diário de campo 1, 05/04/2108). Já, Rômulo relatou que “Ele se atrasou todos os dias na semana passada, complicado” (Diário de campo 4, 17/04/2018). Nesse mesmo dia Remo, também incomodado com os atrasos refere-se às implicações para o seu trabalho no turno da tarde: “Não tem como esse CT dar certo se o professor não está nem aí para o horário, tenho saído metade dos dias sem banho e sem tempo para almoçar Mateus, complica toda minha tarde de atendimentos” (Diário de campo 4, 17/04/2018).

Relatos desse tipo e reclamações até mesmo diretas ao mestre Lopez foram constantes durante a maior parte dos treinos observados além desse descontentamento estar também materializado em comentários negativos nos corredores, nos vestiários, em conversas particulares fora da academia e nos grupos de WhatsApp dos participantes do Jiu-Jitsu da ‘turma do meio-dia’. Porém, até o final das observações da pesquisa os atrasos e as faltas do mestre Lopez se mantiveram com frequência. Ainda, toda as vezes que alguém reclamava ou ameaçava deixar de integrar a turma, as atitudes do mestre Lopez junto com sua esposa, Tia, eram de minimizar e inverter a cobrança por melhoria na postura do mestre, atitude legitimada nas práticas pedagógicas do Jiu-Jitsu dos anos 1990 e anterior a isso, em que o mestre era visto como uma figura inquestionável e todos que mostrassem quaisquer insatisfação com as ações dele eram, de certo modo, vistos como ‘traidores’ do mestre, ou referidos como “Creontes”. Essa era uma expressão nativa naquela turma e fazia referência ao falecido mestre Carlsson Gracie nos 1980 que utilizava a palavra “Creonte” para definir aqueles alunos que criticavam suas equipes de Luta ou ainda aqueles que abandonavam por alguma razão os seus mestres originais. Ao longo das observações escutamos muitas vezes essa expressão a qual era amplamente utilizada para definir os alunos que abandonavam o CT do mestre Lopez ou que ficavam questionando suas posturas e práticas<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Em uma breve pesquisa em sites de jiu-jitsu pudemos identificar que essa expressão, Creonte, inicialmente foi retirada de uma novela chamada “Mandala” (1987) da Rede Globo. Nessa novela havia uma personagem mau caráter chamado Creonte e a expressão foi adotada entre os praticantes de Jiu-Jitsu da época, permanecendo forte, ao menos no CT por nós investigado.

Essa tática, a qual continha uma lógica de intimidação e/ou rotulação, parecia constranger grande parte dos alunos, muitos ficavam com receio de reclamar ou de simplesmente irem treinar em outra academia. Ela tinha implicações principalmente com os socialmente mais humildes que treinavam com descontos ou isenção na mensalidade e por conta disso não se sentiam autorizados a reclamar; e também para os mais inexperientes no universo das artes marciais, aqueles que estavam se aproximando e experimentando pela primeira vez os funcionamentos e possibilidades de relações estabelecidas entre 'mestre' e 'alunos', em específico no caso por nós investigados, quando elas estão pautadas pela 'velha escola' do jiu-jitsu.

Considerando essas situações de não cumprimento de horários de início e fim de aulas, somadas as poucas brechas que os alunos tinham para demonstrar o descontentamento dessas situações, presenciamos alguns participantes da 'turma do meio-dia' desistirem dos treinos e outros terem trocado de academia ao longo das observações. Essas ações eram justificadas pelas decorrências prejudiciais em seus trabalhos, uma vez que esses homens assumiam responsabilidades de horário no campo profissional que consideravam prioridades. Havia por parte deles uma valorização do trabalho que se sobrepunha aquele momento entre o tempo das ocupações.

Outro aspecto que nos faz identificar essa valorização eram os meios que o mestre Lopez utilizava para manter alguns alunos que não tinham condição financeira de arcar com a mensalidade cobrada pelo CT. Aparentemente, ao contrário da lógica comercial vigente em grande parte das academias de Jiu-Jitsu, o pagamento da mensalidade não era necessariamente uma ação indispensável para fazer parte da 'turma do meio-dia', tendo em vista que alguns participantes não pagavam mensalidade por serem oriundos do projeto social que a escola mantinha, ou havia uma relação de troca de serviços, como por exemplo, o caso do aluno Julião que custeava sua mensalidade fazendo a limpeza do espaço físico do CT, conforme descrito em tópico anterior.

Julião, trabalhava como porteiro no início das observações, e o que ganhava de salário era pouco para sustentar o pagamento de uma mensalidade no CT (em torno de R\$ 150). Assim, mestre Lopez acordou com ele que o seu 'pagamento' da mensalidade ocorreria em troca da limpeza da academia. Durante o período observado, Julião foi demitido ficando desempregado e passou a ter dificuldade inclusive de chegar ao CT de treinamento, pois não tinha condições de pagar as passagens de ônibus, chegava a caminhar mais de dez quilômetros para ir até o CT todos os dias e frequentemente contava com a ajuda dos colegas de treino para conseguir uma passagem para retornar para casa. A seguir um trecho da entrevista realizada com Julião que tem essas informações:

Mateus: Como você faz para vir aos treinos todos os dias Julião?

Julião: Cara eu ia de motinho, mas agora ela está estragada e eu estou sem grana para mandar arrumar, então eu tenho ido caminhando mesmo aqui do Parthenon [um bairro de Porto Alegre].

Mateus: E quanto tempo dá isso todos os dias caminhando?

Julião: Eu demoro mais ou menos uma hora e meia para chegar ao centro.  
(Entrevista realizada com Julião, em 22/06/2018).

Frente a essa situação houve uma mobilização de parte dos colegas de Julião da 'turma do meio dia' para ajudá-lo na compra de uma bicicleta a fim de que ele pudesse se deslocar mais rapidamente ao local de treinamento. Contudo, durante esse processo os colegas acordaram que a bicicleta só seria doada caso Julião aceitasse o emprego que outro aluno, Fabiano, estava lhe oferecendo em sua empresa (no ramo do estacionamento) do qual ele é proprietário. Essa contrapartida estabelecida evidencia que para aquele grupo, era quase que imprescindível ter um trabalho ou ter alguma vinculação com a educação formal, ação que estava atrelada ao 'mandato de masculinidade', uma vez que enquanto homens deveriam assumir essa responsabilidade de provedores quase na condição de uma obrigação e ao mesmo tempo usufruir da autoridade que esse pacto lhes conferem. Por fim, ao término das observações, Julião acabou aceitando o emprego oferecido pelo colega Fabiano e aproveitava que o novo emprego também era no centro da cidade para conciliar o deslocamento do trabalho com o deslocamento dos treinos de Jiu-jitsu<sup>10</sup>. A ideia da ajuda na compra da bicicleta acabou por não se concretizar, ficando apenas no campo das conversas de vestiário.

### **Mantendo o 'mandato de masculinidade': a suposta supremacia 'deles' e os esforços de sustentação da heterossexualidade**

Para além das relações hierárquicas entre trabalho e lazer presentes na 'turma do meio dia' aquele cotidiano também era composto por diversas situações em que questões sobre a supremacia dos homens em relação às mulheres e a sexualidade ganhavam protagonismo. Essas questões estavam presentes seguindo o 'mandato de masculinidade' que lá era compartilhado, e envolviam processos de socialização que tinham por finalidade formar e enaltecer um determinado 'modo' de ser homem. Na 'confraria' lá estabelecida praticar jiu-jitsu era apenas um dos elementos que constituía a masculinidade daqueles homens; um outro elemento era circunscrever a suposta supremacia 'deles' e a sexualidade, ou melhor dizer, a heterossexualidade e a maneira com que ela deveria ser constantemente requisita e demarcada.

Era notória a constante necessidade de afirmação da heterossexualidade e da depreciação de qualquer outra forma e vivência da sexualidade. Para isso, uma das peculiaridades, e arriscamos dizer quase como um requisito, dos homens que compunham aquele tempo/espço era ter a capacidade de fazer piadas e/ou rir das

---

<sup>10</sup> Em relação a essa situação, chama a atenção que Fabiano era faixa branca na época das observações, estava no tatame hierarquicamente numa posição abaixo do seu empregado, Julião, que era faixa azul, ou seja, as posições hierárquicas do mundo do trabalho se invertiam no tatame. No dia-dia do trabalho Fabiano era o líder e tinha poder de decisão, porém, no tatame quem tinha maior poder de decisão pela sua graduação era o Julião, sendo assim, o chefe do mundo do trabalho recebia as ordens e orientações do empregado no tatame, e isso era absolutamente respeitado dentro do espaço de luta.

mesmas com pautas que exaltavam a figura do 'homem heterossexual' e ou rechaçavam a figura de mulheres, homossexuais, transexuais, etc. Consistiam em piadas com cunho preconceituoso, e que reafirmavam o pacto entre aqueles homens em relação ao que eles deveriam ser e valorar. Mestre Lopez por exemplo, em mais de uma oportunidade, anunciava ao grupo que "Quem chegar atrasado vai treinar de faixa cor de rosa" (mestre Lopez, observação 14 – 15/05/2018), considerando a cor 'rosa' como algo desprestigiado, e reforçando a sua generificação como sinônimo de uma feminilidade frágil e delicada, características opostas daquelas valoradas e buscadas por aquele grupo de homens.

A esposa do mestre Lopez, também utilizava de piadas semelhantes na sua comunicação com eles. Esse recurso era uma das maneiras que ela encontrava de estabelecer interação e ser ouvida. Em um dos dias de observação, ela, no intuito de apoiar a chamada de atenção que o mestre Lopez estava fazendo para a turma em relação à necessidade de manter as unhas das mãos e pés cortadas bem rente ao corpo, disse: "Quem não cortar a unha para vir ao treino vamos pintar a unha de vermelho" (Tia, observação 14 – 15/05/2018). A referência à ação de 'pintar a unha de vermelho' está relacionada a um universo de mulheres, o que, para aqueles homens era considerado algo inferior e por isso indesejável a todos. Essa fala da Tia provocou muitas risadas entre os que lá estavam e desencadeou uma série de outras falas jocosas. Naquele momento passamos a perceber que a presença dela, mesmo que fora do tatame, só era aceita por eles devido ela compartilhar, participar e reforçar o 'mandato de masculinidade' que a todo momento era acionado.

Nesse sentido, é possível compreender a ausência de outras mulheres naquela turma. Se, por um lado, a trajetória histórica das lutas é constituída de episódios marcados por situações que demarcam um posicionamento adverso a participação de mulheres<sup>11</sup>, por outro lado, o processo de esportivização dessa modalidade somadas às diversas ações e movimentos voltados para a equidade de gênero em nossa sociedade auxiliou a promover uma maior participação de mulheres nas academias e nos campeonatos em relação a décadas passadas onde quase não havia campeonatos para elas<sup>12</sup>. Inclusive na família Gracie a atleta Kyra Gracie ganhou apoio e destaque sendo hoje reconhecida mundialmente pela sua performance no Jiu-Jitsu. Contudo, essas mudanças em relação à presença de mulheres não pareciam ter espaço na 'turma do

---

<sup>11</sup> A generificação das práticas das lutas em prol do universo dos homens está presente em diversas modalidades. No Jiu-Jitsu, por exemplo, Vicentini e Marques (2018) ao analisarem a produção científica sobre essa modalidade identificaram alguns trabalhos que demarcam "a baixa representação de mulheres em um universo predominantemente masculino" (p. 1347).

<sup>12</sup> Essas mudanças contudo não foram suficientes, pois ainda há muita desigualdade no universo das lutas quando se trata de homens e mulheres. Um ponto a ser superado, por exemplo, é que apesar dos campeonatos com a participação das mulheres estarem em crescimento, ainda, as premiações são muito inferiores para as campeãs mulheres quando comparada com as premiações realizadas para homens fato esse que não é exclusividade do Jiu-Jitsu no âmbito esportivo, ou seja, acontece infelizmente ainda na maioria dos esportes profissionais. Uma entrevista ao site 'Purepeople', no dia 29/03/2018, Kyra Grace afirma que no Jiu-jitsu "hoje, um homem ganha US\$ 50.000 de premiação enquanto as mulheres ganham apenas US\$ 5.000". Disponível em: [https://www.purepeople.com.br/noticia/kyra-gracie-busca-valorizacao-da-igualdade-de-genero-no-jiu-jitsu-e-legitima\\_a221904/1](https://www.purepeople.com.br/noticia/kyra-gracie-busca-valorizacao-da-igualdade-de-genero-no-jiu-jitsu-e-legitima_a221904/1). Acesso em 01 set. 2020.

meio dia', uma vez que para elas permanecerem lá, teriam que consentir com o 'pacto' daquela confraria, assim como a Tia.

Dentre as 41 observações que realizamos nos treinos da 'turma do meio-dia', presenciamos em apenas uma ocasião a participação de uma mulher que foi treinar para conhecer a academia. A praticante Pikachu, faixa azul, o que significa dizer que já conhece o básico do Jiu-jitsu e que já possui condições de realizar uma luta, em uma ocasião foi até ao CT para fazer uma aula experimental ao meio dia. Ela treinou com os homens, uma vez que não havia outras mulheres na 'turma do meio-dia'. Aparentemente, nos ficou visível que ela foi bem recebida, os homens evitaram qualquer piada machista, prática que era constante na ausência dela, e o espaço se adaptou do modo possível para sua presença, uma vez que uma mulher no tatame era novidade no horário do meio-dia. Uma dificuldade percebida foi que não havia um banheiro exclusivo para mulheres no espaço, era apenas um banheiro no local e neste dia a esposa do mestre teve que pedir para os homens esperarem a Pikachu se trocar após o treino, um certo constrangimento por parte da praticante que não contava com isso e também dos homens que poderiam se atrasar para o retorno de suas práticas de trabalho. A dita filosofia do Jiu-Jitsu *'old school'*, ou jiu-jitsu da 'moda antiga', que predominava no espaço marcial daquele CT, parecia quase que impedir a participação de praticantes mulheres. Diferente da Tia, Pikachu demarcou durante a sua participação na aula que não estava disposta a pactuar com o 'mandato de masculinidade' que lá se estabelecia, a situação da falta de um banheiro exclusivo para mulheres a fez não retornar mais para aquele CT e para aquela turma.

Para além das piadas estarem relacionadas com uma 'suposta' supremacia dos homens em relação às mulheres, ao longo das observações também identificamos que essas piadas eram proferidas em situações em que se queria evidenciar que um dos participantes tinha 'falhado' em algo que era esperado que ele, enquanto homem, teria capacidade de realizar. As piadas carregavam uma mensagem de decepção e até mesmo sanção demarcando o fracasso do 'outro'. Em uma das observações, escutamos de Rômulo a seguinte frase devido ao Juarez não ter correspondido com o esperado durante uma atividade realizada no treino: "Qual teu problema Juarez, tá mijando sentado agora, é?" (Rômulo, faixa azul – observação 13 – 11/05/2018).

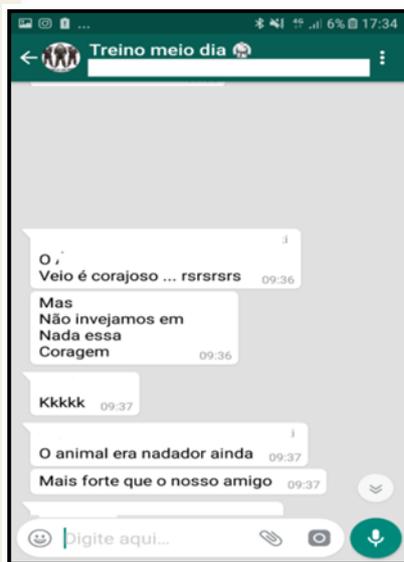
Em relação à sexualidade, presenciamos uma situação que repercutiu por muitos dias naquele coletivo de homens, e nos ofertou algumas pistas para compreender a importância para aquela 'confraria' de seguir o 'mandato de masculinidade' construído a partir da valorização da heterossexualidade e desvalorização de qualquer outra forma de viver a sexualidade. O faixa roxa<sup>13</sup> Athos, anunciou o seu relacionamento afetivo com uma travesti em suas redes sociais. Ele por conhecer a 'confraria' da 'turma do meio dia' a qual integrava por alguns anos, já previa que após esse anúncio em redes sociais, ele

---

<sup>13</sup> Conforme já anunciado é a terceira faixa do Jiu-Jitsu e considerada um grau avançado na graduação da modalidade.

teria que deixar o grupo, e uma de suas ações foi se excluir do grupo que fazia parte no Whatsapp da 'turma do meio dia'. Assim que se retirou desse grupo Athos passou a ser alvo de conversas preconceituosas. Essas conversas também passaram a integrar o dia a dia do CT, onde os participantes pautavam a situação de maneira depreciativa. Após assumir o relacionamento ele, que era um dos participantes mais importantes no tatame, por ser graduado e por ser um dos instrutores autorizados a ministrar aula na ausência do mestre Lopez, acabou não indo mais aos treinos. Ficou claro, nessa situação que participar da 'turma do meio dia' era pactuar com valores heteronormativos para além da vivência do jiu-jitsu. Na Figura 1 há trechos de uma das conversas feitas no grupo do WhasApp da turma:

**Figura 1:** Trechos de conversas de WhatsApp



**Fonte:** aplicativo WhatsApp.

Nessa conversa é possível identificar as noções de coragem e força como elementos demarcadores do pacto de masculinidade da 'confraria', contudo, esses elementos precisavam estar vinculados com a heterossexualidade. Não bastava a coragem de Athos e a força de seu companheiro uma vez que ambos, apesar de terem lhes atribuídos esses atributos, não pactuavam com a única sexualidade reconhecida e legitimada pelo 'mandato de masculinidade'.

Considerando essas ações do cotidiano daquele espaço/tempo de lazer passamos a compreender que a prática do jiu-jitsu era vivenciada juntamente com outras que portavam a valorização de um determinado tipo de homem, qual seja, aquele que demarca uma 'suposta' superioridade de mulheres e heterossexual. Contudo, parece não bastar essas características, é preciso na 'confraria' da 'turma do meio dia' constantemente reafirmá-las e menosprezar quaisquer outras possibilidades.

## Considerações finais

Ao desenvolvermos esta pesquisa pudemos identificar que 'no lazer' investigado, composto por homens que praticam jiu-jitsu ao meio dia, tempo este localizado entre o tempo de trabalho ou estudos deles, o compartilhamento de momentos de fruição e de produções de tensões agradáveis resultante da prática da luta e os laços de confiança, preocupações e sociabilidades proporcionaram o estabelecimento de uma 'confraria'. Formado por homens com idades, profissões, grau de instrução e condições econômicas e sociais distintas, aquele coletivo, ao aprenderem as técnicas de jiu-jitsu; ao valorarem seus empregos e o cumprimento de seus horários de trabalho; ao se solidarizarem com a demissão e condições sociais de seus colegas; ao se proporem e ajudarem aqueles que necessitam; ao fazerem e rirem de piadas que anunciam uma suposta supremacia dos homens em relação às mulheres; e, ao desmerecerem e agirem de maneira preconceituosa frente a qualquer forma de sexualidade que não seja a heterossexualidade, eram constantemente socializados em uma determinada masculinidade. Lá eles aprendiam cotidianamente uma forma de ser homem que mantinham elementos importantes e basilares do 'mandato de masculinidade'.

O lazer vivenciado no universo por nós investigado era mais uma dimensão da vida daqueles homens em que os pactos de gênero que eles compartilhavam eram reforçados. Ficou evidente que a entronização da posição de autoridade era materializada na quase necessidade daqueles homens estarem empregados ou estudando, uma vez que isso aproximava eles do lugar de provedores, o que de certa forma anunciava uma interdependência hierárquica do trabalho em relação ao lazer. Seus princípios machistas, homofóbicos, transfóbicos e misóginos estavam de acordo com a identidade de gênero e sexualidade hegemônica a qual os colocava dentro de uma 'referência' que os diferenciava dos 'outros', ou seja, mulheres e outras maneiras de se tornarem homens.

Nesse sentido, concordando com a afirmação realizada por Stigger de que o lazer não é "nem libertário, nem alienante... nem otimista, nem pessimista... mas algo a ser investigado..." (2009, p. 86), podemos afirmar que a partir dessa investigação se chama a atenção para a importância que o lazer pode apresentar em relação à construção de gênero. No caso investigado o lazer está sendo um meio de manutenção do 'mandato de masculinidade' em que poucas 'linhas de fuga' foram possíveis de se presenciar. Em síntese, as contribuições que esse estudo oferta para a compreensão do lazer é que este espaço/tempo da vida das pessoas carrega a complexidade de elementos sociais do cotidiano em que elas estão inscritas, e que ao assumir a configuração de uma 'confraria' potencializa os vínculos e os acordos implicando de maneira significativa esse cotidiano.

Etnograficamente a escrita desse texto se aproximou do que Abu-Lughod denominou de "contra cultura" (2018, p. 193) uma vez que trouxe para a sua construção analítica a posicionalidade dos pesquisadores e da pesquisadora. O primeiro autor, ao

realizar a investigação de campo estava em processo de formação de ser professor de Educação Física, enquanto o segundo e a terceira autora atuaram na qualidade de professores e orientadores desse, sendo portanto, co-responsáveis por esse processo de formação. Nesse sentido, a estratégia foi escrever uma “etnografia do particular” (ABU-LUGHOD, 2018, p. 206) daquele coletivo de homens atentos/a, *pari passu*, às “conexões” (ABU-LUGHOD, 2018, p. 204) históricas em que a prática do jiu-jitsu é forjada e aos ensinamentos teóricos, em especial, de Segato (2018) em relação ao ‘mandato de masculinidade’. Isso implica dizer que a confraria de homens estabelecida no lazer do jiu-jitsu ao meio dia é uma elaboração não só deles, mas também de quem os investigou, ou seja, nossa.

## REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, Natal, v. 5, n. 8, p. 193-226, jan/jun de 2018.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Eu canto, bebo e brigo... Alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol**. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/15852>.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. 2017. 342f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/169322>.
- ELIAS, Norbert; Dunning, Eric. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, Norbert; DUNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 101-138.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GONÇALVES, Arisson Vinícius Landgraf; SILVEIRA, Raquel da. Arte marcial e esporte: um estudo etnográfico sobre uma equipe de judô de Pelotas – RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 129 – 147, abr/jun de 2012. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.19159>.
- LISE, Riqueldi, SANTOS, Natasha, CAPRARO, André. “A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1329-1349, out./dez. de 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.43222>.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2003.

MARIANTE NETO, Flávio Py. **Da academia de boxe ao boxe de academia**: um estudo etnográfico. 2010. 125f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/48994>.

SEGATO, Rita Laura. Manifiesto en cuatro temas. **Critical Times**, v. 1, n. 1, p. 212 – 225, abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1215/26410478-1.1.212>.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009.

STIGGER, Marco Paulo; MYSKIW, Mauro. O lazer entre a conteudização e a compreensão: olhares das subáreas da educação física. *In*: STIGGER, Marco Paulo. (Org.). **Educação Física + humanas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015. p. 155 – 179.

VICENTINI, Lucas; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. A produção científica sobre jiu-jítsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016. **Movimento**. v. 24, n. 4, p. 1335 – 1352, out./dez. de 2018.

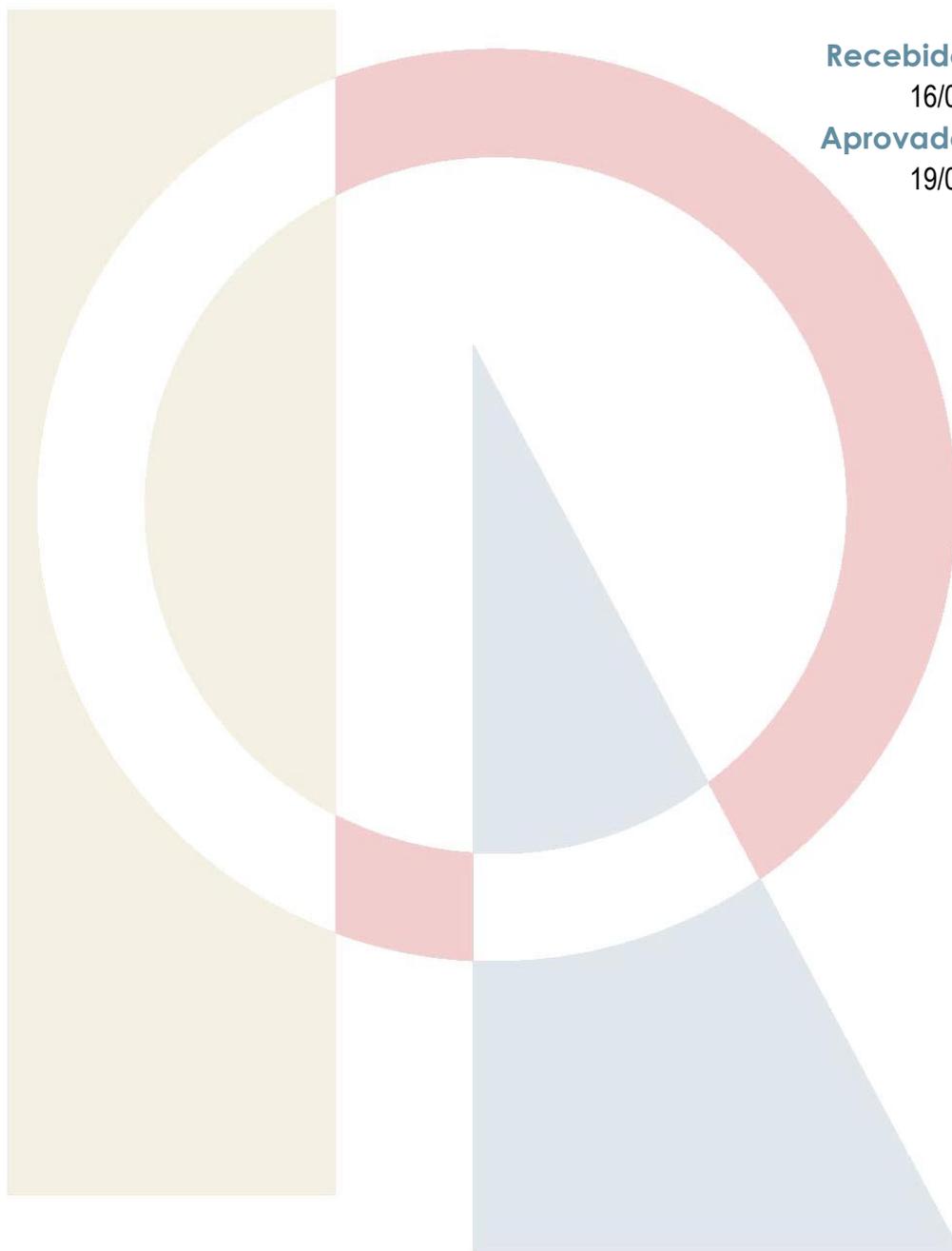
WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WENETZ, Ileana; MACEDO, Christiane Garcia. Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e.25081, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.90474>

WINKIN, Yves. Descer ao campo. *In*: WINKIN, Yves **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus Editora, 1998. p. 129-145.

### Endereço para correspondência

Raquel da Silveira  
Rua Itaboraí, 380, apartamento 801  
Jardim Botânico, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  
CEP 90670-030



**Recebido em:**

16/09/2020

**Aprovado em:**

19/09/2020